

Novas Arquiteturas do Tempo: uma conversa com Emília Araújo

Mónica Franch¹

Rosamaria Giatti Carneiro²

Daiana Maria Santos de Sousa Silva²

Susi Francis Amaral Piva²

¹Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, Paraíba, Brasil

²Universidade de Brasília, Brasília, Distrito Federal, Brasil

Resumo

Esta entrevista foi realizada com a socióloga portuguesa especialista em estudos do tempo, Emília Araújo, docente do Departamento de Sociologia do Instituto de Ciências Sociais da Universidade do Minho, Braga (Portugal), no mês de junho de 2024, por meio de tecnologias de aproximação digital. Mónica Franch e Rosamaria Carneiro dialogaram com a pesquisadora sobre sua trajetória intelectual, história no campo dos estudos sociais sobre o tempo e sobre as principais publicações e associações voltadas para seu debate. Em seguida, chegaram até a pandemia de Covid-19 como ponto de inflexão nas e das leituras sociais sobre o tempo, seus usos e possibilidade de leitura. Por essa ocasião, a entrevista envereda pelos debates sobre tempo, casa, gênero, cansaço e exaustão.

Palavras-chave: Estudos do tempo; Trajetória intelectual; Produção científica; Pandemia.

New Architectures of the Time: a conversation with Emília Araújo

Abstract

This interview was carried out with Portuguese sociologist Emilia Araújo, professor at the Department of Sociology at the Institute of Social Sciences at the University of Minho, Braga (Portugal), specialist in time studies, in the month of June 2024 and through technology digital approach. Monica Franch and Rosamaria Carneiro spoke with the researcher about her intellectual trajectory, the history of the field of social studies about time and the main publications and associations focused on her debate. To then reach the Covid-19 pandemic as a turning point in social readings about time, its uses and reading possibilities. On this occasion, the interview embarks on debates about time, home, gender, tiredness and exhaustion.

Keywords: Weather studies; Intellectual trajectory; Scientific production; Pandemic.

Recebido em: 31/01/2024

Aceito em: 05/10/2024



Este trabalho está licenciado sob CC BY-NC-SA 4.0. Para visualizar uma cópia desta licença, visite <https://creativecommons.org/licenses/by-nc-sa/4.0/>

1 Introdução

Professora Associada com agregação no Departamento de Sociologia do Instituto de Ciências Sociais da Universidade do Minho, em Braga (Portugal), Emília Araújo é uma das vozes mais influentes nos estudos sociais do tempo na atualidade e referência inescapável para quem adentra nessa temática. Socióloga, fez sua licenciatura na Universidade do Minho, mestre pela Universidade de Lisboa e doutora pela Universidade do Minho, instituição na qual atua como docente desde 1998. Seus primeiros interesses voltaram-se para as áreas da Sociologia do Trabalho e das Organizações, tendo redigido sua dissertação de mestrado em 1998 sobre um tema que ganhou inesperada relevância três décadas depois, por ocasião da crise provocada pela Covid-19: o teletrabalho. Já sua tese de doutorado, defendida em 2005 na Universidade do Minho e, posteriormente, transformada em livro (Araújo, 2006), toma o tempo como objeto, a partir das experiências de docentes universitários no período de licença (ou dispensa) para realização de seu doutorado.

Atualmente, Emília atua como pesquisadora e docente no Centro de Estudos de Comunicação e Sociedade da Universidade do Minho e é também pesquisadora colaboradora do Centro de Investigação em Sociologia Econômica e das Organizações (Socius) na Universidade de Lisboa. Seus interesses de pesquisa incluem a sociologia do tempo, gênero, cultura, estudos sociais da ciência e da tecnologia e o futuro. Destacamos a relevância de suas pesquisas sobre trabalho acadêmico, um ponto de convergência entre a sociologia do tempo e do trabalho. Os resultados de seus estudos foram publicados em livros e em periódicos nacionais e internacionais, inclusive no Brasil (Araújo, 2008; Araújo, 2011; Araújo, 2014; Araújo, 2015; Araújo; Barros, 2017; Araújo; Silva, 2015).

Essa entrevista aconteceu na parte da manhã no dia 13 de junho de 2024. Emília Araújo foi entrevistada de modo remoto por meio da plataforma Google Meet por Mónica Franch, antropóloga e docente na Universidade Federal da Paraíba, e por Rosamaria Carneiro, antropóloga e docente na Universidade de Brasília, ambas integrantes da Rede AntropoCovid. Elas estiveram juntas por mais de duas horas de diálogo. O material bruto foi transcrito, gravado, analisado e editado pelas autoras da entrevista, com a participação das discentes Daiana Maria Santos de Sousa Silva e Susi Francis Amaral Piva, ambas do Programa de Estudos Comparados sobre as Américas da Universidade de Brasília.

A escolha da entrevistada ocorreu devido à sua importância no campo dos estudos sociais sobre o tempo e a atualidade de suas investidas empíricas e analíticas. Na primeira

metade da entrevista, Emília nos apresentou sua trajetória acadêmica e pessoal pelos domínios da sociologia do tempo, além de introduzir as principais referências, periódicos e centros de estudos sociais do tempo na atualidade. Já na segunda metade da entrevista, o foco se voltou para os efeitos da pandemia de Covid na organização cotidiana do tempo e para as novas “arquiteturas do tempo” que o atual desenvolvimento do capitalismo anuncia. Ao trazer esta entrevista como última contribuição do dossiê Cronotopos e Covid-19, esperamos inspirar outros pesquisadores e pesquisadoras a darem seguimento a uma agenda de pesquisa que ainda tem muito a nos oferecer.

Mónica Franch: Emília, conte-nos, por favor, um pouco sobre a sua trajetória no campo dos estudos do tempo e sobre o caráter das suas pesquisas.

Emília Araújo: Eu fiz licenciatura em Sociologia e fiquei bastante ligada à área de Sociologia do Trabalho e das Organizações. Por volta de 1997, fiz o mestrado na atual Universidade de Lisboa, na área de Organizações, sobre o teletrabalho (Araújo; Bento, 2002). Nessa altura, me interessava muito a questão do espaço, porque o teletrabalho era feito em casa, então tinha a ver com o espaço. Mas logo em seguida comecei a me interessar pela questão do tempo, embora eu tenha percebido desde o início que esse não era um tema muito usual nem muito considerado na Sociologia.

Inicialmente, me interessei pelos usos do tempo, pelos orçamentos do tempo. Essa é uma área extremamente interessante e relevante, mas desde o início eu dizia para mim mesma ser importantíssimo fazer estudos quantitativos sobre os usos do tempo, mas sempre me interessei mais por fazer uma análise mais teórica, para perceber a dimensão das representações, dos sentidos do tempo no dia a dia, no cotidiano, na cultura, nos modos de organização social. Outro interesse que veio crescendo foi o estudo pelos horizontes temporais – o passado, o presente e, sobretudo, o futuro. Esse interesse coincide com a época em que eu fiz meu doutoramento, que tinha como pano de fundo os estudos do tempo e como tema principal o próprio processo de realização do doutoramento. Por indicação de um colega na área da teoria social, a minha cossupervisora foi a Barbara Adam¹, que é uma grande referência nos estudos sociais do tempo. Nas conversas com ela, eu fui percebendo a densidade do conceito do tempo, quanto é importante nos definir como seres vivos a partir do tempo; quanto o tempo pesa na nossa vida individual e coletiva, e isso despertou em mim o interesse em me aprofundar nos outros subconceitos, como a percepção do tempo, as representações, a experiência da valorização do tempo, a importância atribuída ao tempo, bem como a dimensão da variação entre contextos culturais. À parte do entendimento filosófico e histórico, comecei a me interessar mais profundamente pelas contribuições de Durkheim e de Marcel Mauss. Parte do interesse veio

¹ Socióloga britânica, professora emérita da Universidade de Cardiff, especializada em teoria social, especialmente nos estudos sociais do tempo. Foi fundadora e editora do periódico *Times & Society*.

também da antropologia, com o trabalho de Edward Hall², principalmente nos livros *“A linguagem silenciosa”* e *“A dança da vida”*. A abordagem de Durkheim é central para entender o papel e a relevância do ritmo social. A abordagem que Hall seguiu, com base na etnografia, foi uma grande fonte de inspiração para perceber as diferenças nos usos, nas representações e nas figurações do tempo entre contextos culturais e ecológicos. Para mim, esses autores continuam muito atuais e inspiradores, embora, com a globalização e com o desenvolvimento das mídias, tendemos a pensar que muitos aspectos que caracterizavam esses contextos culturais já não estejam ali.

Outro dos autores que também foi muito importante para mim na antropologia foi o Georges Balandier (1955)³, todo o trabalho dele, mas em concreto, a análise que ele faz da forma como os países europeus fizeram da imposição do horário, da disciplina e da organização do tempo um importante instrumento de dominação. Juntaria ainda Bourdieu (1963), com o estudo sobre a cultura Kabyla em que demonstra a dimensão social, cultural e “construída” do tempo (Araújo; Barreto, 2013). Mas existem muitos outros autores inspiradores e centrais a considerar, particularmente na antropologia, e que, justamente, demonstram como estamos, com todos os seres vivos, unidos por ritmos, por processos de sincronia e de dependência temporal, ritmos esses que são submetidos à construção, que resultam em horários, calendários e estruturas tão fundamentais como a semana ou o mês. É certo que houve influências diversas para este meu interesse, não esquecendo o meu percurso acadêmico e as pessoas que fui encontrando, mas, fazendo agora um exercício de autoanálise, talvez haja algo de biográfico a explicar esse foco, porque eu nasci na Venezuela, vim para Portugal criança e, essas questões sobre as diferenças culturais entre um contexto latino-americano e o contexto português já passavam, de certo modo, por pensar o tempo, embora de forma talvez mais espontânea e sensorial. Costumava pensar e ter algumas conversas com o meu pai, por exemplo, sobre os motivos de em Portugal, na ocasião, se pagar o salário ao mês, ou por que os tempos festivos – de nascimento e morte – eram tão diferentes à época entre Venezuela e Portugal. Talvez por ser também migrante, mulher, essas questões relacionadas com os significados do tempo e do espaço e a sua relação com a identidade e a desigualdade também faziam sentido profundo, porque, efetivamente, quando falamos de tempo, falamos de divisão social e sexual do trabalho e, em especial, do trabalho doméstico e de cuidado. De qualquer modo, sempre me interessaram as questões das variações culturais, da construção social dos horários e dos calendários e da importância dos ritmos e das temporalidades religiosas na nossa vida e, mais recentemente, como se constroem também os discursos sobre a aceleração, a paragem ou a espera, e quais implicações sociais têm inclusivamente na relação com o passado

² Antropólogo estadunidense, que viveu entre 1914 e 2009 e dedicou parte de seus esforços aos estudos comparativos do tempo. Autor, entre outras obras, dos livros: *The silent language* (Garden City, NY: Doubleday & Company, 1959) e *The dance of life: the other dimensions of time* (Garden City, NY: Doubleday & Company, 1989).

³ A exemplo, no livro: *Sociologie actuelle de l'Afrique Noire* (Balandier 1955).

e o futuro. Pensar o tempo social é pensar a complexidade, o poder, as relações de interação e de desigualdade.

Mónica Franch: Sua tese de doutorado tem um caráter que hoje podemos pensar como reflexivo, já que você resolveu estudar sobre o processo de doutoramento no momento em que o estava vivenciando. O que motivou essa escolha?

Emília Araújo: Foi por causa da experiência com o teletrabalho, porque na ocasião eu estava interessada em continuar com esse tema, mas as experiências que funcionavam eram sobretudo ainda nos países nórdicos, na Alemanha e na Holanda. O meu interesse era nas situações do trabalho em que não havia propriamente um horário fixo, uma estrutura temporal predeterminada por uma terceira parte. Aí nasceu a ideia de que talvez eu pudesse estudar o que acontecia em uma situação sabática para doutoramento que, à época, era designado como “dispensa para doutoramento”. O desafio da tese foi perceber o que representava esse tempo na vida das pessoas, estudar o que ocorre quando as pessoas deixam de ter um horário de certo modo “imposto” e passam a dispor, de alguma forma, de poder de controle de todo seu tempo, tendo à partida, que terminar a tese dentro de um certo intervalo de tempo. O tempo de/para doutoramento é bastante complexo porque se refere a um intervalo de tempo considerável, em termos quantitativos, e porque alberga um conjunto de transformações identitárias que estão, de certo modo, enredadas em teias de poder invisíveis com influência na passagem do tempo e no próprio desenvolvimento do processo doutoral e da carreira.

Na ocasião, foi uma oportunidade para adentrar mais profundamente nos estudos sociais do tempo e conhecer esses desenvolvimentos teóricos aos quais me referi antes, tentando perceber a importância de algumas variáveis no tempo doutoral, como o gênero ou a área científica. Penso que o que ficou mais relevante deste trabalho foi mesmo o interesse heurístico do conceito de “fase” e a anotação da influência do doutoramento (Araújo, 2005) na carreira acadêmica, não em termos do tema em que trabalhamos propriamente dito, mas do que fazemos durante esse tempo, das relações que construímos, dos lugares por onde passamos, das pessoas que conhecemos, ou das atividades em que nos envolvemos.

Hoje as pessoas se matriculam em um doutoramento e têm que fazer cursos, portanto, sua organização de tempo é, à partida, mais estruturada. Mesmo assim, há muitas questões ainda a explorar do ponto de vista do tempo de/para doutoramento porque sabemos que as pessoas atrasam, não conseguem completar o doutorado no tempo formalmente previsto. Há, com certeza, um conjunto de variáveis sociológicas por detrás desses atrasos que não se prendem apenas com questões financeiras, mas que estão intrinsecamente ligadas ao conhecimento e à capacidade de lidar com os tempos da ciência e da investigação. Lembro de ter escrito um artigo resultado dessa pesquisa sobre gênero, tempo e trabalho em casa, no qual eu analisei as dificuldades de organizar as fronteiras temporais do

trabalho acadêmico em casa (Araújo, 2008). Dois anos atrás, propus um projeto para a Fundação Ciência e Tecnologia (FCT), que tinha como título “*Deadline*”, justamente para analisar o que se passa no tempo do doutoramento no quadro atual da organização do doutoramento, e, dessa vez, com ênfase sobre gênero, mas não foi financiado.

Rosamaria: Emília, antes de entrar no debate da pandemia, que é o objeto das nossas próximas questões, pensando nas pessoas que vão ler este artigo na *Ilha*, e sabendo que o tempo ainda não é um tema muito conhecido, queríamos fazer uma pergunta mais abrangente. Se pensarmos em Portugal e em um contexto mais ampliado, quais são os autores, as autoras mais importantes para os estudos sobre o tempo, quais são os centros de referência e quais as revistas que versam sobre o tempo?

Emília Araújo: A primeira grande referência nos estudos sociais do tempo é a Barbara Adam. Não quer dizer que não tivesse havido tentativas antes dela de fazer uma sociologia do tempo. Há um artigo muito interessante nos anos de 1990 do Bergmann (1992), sobre o problema do tempo na sociologia, ou Pronovost, que sintetiza bastante bem a história da Sociologia do Tempo, e há vários autores e autoras fundamentais na consolidação dos estudos sociais do tempo, a exemplo de Merton e Sorokin, Eviatar Zerubavel, Helga Nowotny, Ulrike Felt, entre outros. O tempo de certa forma é aquele “todo”, como refere Santo Agostinho, que está em toda a parte e se oferece a olhares desde as artes até a física, passando pela antropologia, filosofia e sociologia. Essa amplitude do tempo que se apresenta sempre como enigma e nos leva a viajar da madalena de Proust ao tempo líquido de Dali é deveras fascinante. Para o campo estrito da Sociologia, eu diria que quem fez efetivamente a grande sistematização do conhecimento foi a Barbara Adam. Ela tem um livro intitulado “*Time and Social Theory*”, de 1990, que analisa a história da reflexão e se refere ao o tempo por meio de vários domínios homenageando autores e autoras com grande detalhe, de certa forma “extraíndo” do pensamento social e filosófico os contributos específicos que nos permitem dar centralidade ao tempo na análise, na compreensão e na intervenção em todos os fenômenos sociais. Nesse livro, ela não só conseguiu explicitar o conceito de tempo em vários autores, como também conseguiu fazer um diálogo entre eles e tornar claras as fronteiras conceituais, permitido chegar àquelas que são questões de tipo, digamos, “mais sociológicas” relacionadas, quase sempre, com as questões da centralidade do tempo como eixo de organização, de poder de controle e produtor de desigualdades sociais diversas.

Quero fazer uma nota para a inspiração que foi para mim o espanhol Ramon Ramos⁴, que, de certa forma, fez um trabalho similar ao de Barbara Adam, escrevendo sobretudo espanhol e com foco sobre os autores e as autoras latino-

⁴ Sociólogo e catedrático espanhol, foi presidente do Centro de Investigaciones Sociológicas entre setembro de 2010 e janeiro de 2012.

americanos, até para a cronobiologia. O grupo que ele liderou ao longo dos anos da sociologia do tempo em Espanha, com investigadoras e investigadores de reconhecido mérito, foi e continua a ser altamente inspirador. O mesmo eu poderia dizer a respeito dos [investigadores] e das investigadoras na mesma área que se organizam em torno da antropóloga Guadalupe Valencia, na Universidade Central do México. Há uma certa tendência para sobrevalorizar os estudos anglo-saxônicos, até pela dinâmica de publicação que impera, mas não posso deixar de mencionar a aprendizagem que tenho tido feito ao longo dos anos junto de vários autores e autoras brasileiros, entre as quais está você, Mónica, com os seus trabalhos particularmente centrados no alinhamento de Alfred Gell⁵ e Marcel Mauss e muitos outros que interrogam particularmente as dimensões patológicas do tempo, associadas à exploração e à desvalorização do tempo pelo modelo capitalista, na esteira de Karl Marx e vários outros autores que, justamente como disse antes, perspectivam o tempo como recurso, seja no tempo de trabalho, seja no tempo livre, na vida privada, ou no próprio corpo.

De Portugal, há vários autores e autoras a citar, mas eu retomaria particularmente a inspiração a partir dos trabalhos de Hermínio Martins, um dos grandes sociólogos do tempo e da tecnologia, pelas análises que inscreve não apenas para a temporalidade da teoria social e a sua robustez para suportar o estudo das dinâmicas sociais, mas pelo entrecruzamento que estabelece com a tecnologia o seu poder sobre a sociedade.

Quando estava no meu doutoramento, conheci a obra do William Grossin⁶, um autor francês que é referência nos estudos de tempo na França. Eu, ainda recém-chegada à academia, lhe escrevi, aliás, uma carta dizendo que gostaria muito de falar com ele porque eu tinha um trabalho em que usava o conceito de temporalidades sociais – um conceito que ele utilizará em seus livros para explicitar como pessoas com atividades diferentes se confrontavam com temporalidades distintas nos espaços familiares e pessoais. Grossin me disse que não poderia se deslocar até Portugal, porque estava muito debilitado, mas me deu várias referências e me apresentou a revista *Temporalités*⁷, que é uma das revistas centrais nos estudos sociais do tempo, embora reflete o trabalho principalmente de autores franceses, entre os quais estão dois grandes estudiosos do tempo social – Claude Dubar e Thoemmes. Central nessa área é a revista *Time & Society*⁸, iniciada por Barbara Adam e liderada por ela durante muito tempo e que hoje integra, entre outros, Robert Hassan, um dos autores contemporâneos dos estudos sociais do tempo. São fundamentais, de fato, estas revistas – a *Temporalités*, a *Time & Society*

⁵ Antropólogo Inglês, formado pela Trinity College, de Cambridge. É autor da obra: “*A Antropologia do Tempo – construções culturais de mapas e imagens temporais*”.

⁶ Autor da obra *Le Travail Et Le Temps*. (Anthropos: Paris, 1969).

⁷ A revista *Temporalités* surgiu como um desdobramento do boletim *Temporalistes*, fundado por William Grossin. Seu editor atual é Jens Thoemmes. Pode ser acessada no seguinte link: <https://journals.openedition.org/temporalites/>.

⁸ O Periódico *Tempo e Sociedade* é revisado por pares e publica artigos, resenhas e comentários acadêmicos, que fazem contribuições originais para a compreensão das relações entre tempo, temporalidade e vida social. Pode ser acessada no seguinte link: <https://us.sagepub.com/en-us/nam/journal/time-society>.

e mencionaria ainda a *Kronoscope* ou a *Tempo Social*, na qual também encontrei trabalhos sobre o tema.

Nessas publicações, eu tenho percebido que está faltando um entrosamento maior com os trabalhos em língua portuguesa e em espanhol, sobretudo os trabalhos produzidos na América Latina, particularmente as pesquisas sobre cronobiologia. Recentemente, tenho integrado algumas atividades do grupo de colegas na Universidade Central do México, liderados por Guadalupe Valencia García, que criaram uma unidade chamada Suetis [Seminario de Estudios sobre el Tiempo Social]⁹. É um seminário permanente dedicado aos estudos do tempo, apoiado pela universidade. Na Espanha, já mencionei o grupo ligado ao Ramón Ramos, do qual faço parte, e que atua como uma seção dentro da federação nacional da sociologia – o Comité de Investigaciones y Estudios sobre el Tiempo¹⁰. Aqui em Portugal, apesar dos esforços e de várias iniciativas que temos desenvolvido, ainda há muita invisibilidade sobre o tema, e é necessário evidenciar mais o “peso” do tempo para a compreensão tanto da “estática”, como da “dinâmica” social, sem se esquecer de que estudar o tempo não significa unicamente produzir um conhecimento sobre um assunto, mas levá-lo a ter impacto social, por exemplo, em tudo o que se refere a contribuir para melhor organização e valorização do tempo, ou no que se refere a questões de antecipação, retardamento, sincronização ou espera.

São as pessoas, são as coisas, os seres vivos e os processos sociais em geral que se implicam em tempo – como se percebe pelo contexto de emergência em catástrofe que temos vivido ultimamente. A meu ver, é necessário que as associações nacionais de sociologia possam criar uma área de trabalho de sociologia do tempo, apesar de termos hoje muitos mais pesquisadores que direta ou indiretamente versam sobre o tempo em suas áreas de estudo – da sociologia da arte à sociologia da ciência e tecnologia. Acredito que, com as diversas ações que estamos a levar a cabo, na Universidade do Minho e no projeto Time HUB (no Centro de Estudos de Comunicação e Sociedade) e frente a novas problemáticas, se torna premente investigar nas diversas áreas, se tornará ainda mais evidente a necessidade de, como se refere Barbara Adam, “levar o tempo a sério”.

Atualmente, há muitos grupos de pesquisa que fazem parte da Associação Internacional de Estudos dos Usos do Tempo, a Iatur¹¹ [International Association for Time Use Research]. A Iatur é uma associação muito ativa e tem atraído cada vez mais pessoas da área da sociologia da família, da sociologia do gênero, mas acho que ainda falta trabalhar melhor a ligação entre esses estudos de usos do tempo, que são mais quantitativos, e os estudos do tipo qualitativo. Nesse sentido, e do ponto de vista da intervenção, é de mencionar o trabalho da Time Use Initiative¹² de Barcelona – uma agência que se dedica a estudar os usos do tempo e propor e acompanhar as políticas públicas neste domínio. A Time Use Initiative

⁹ Pode ser consultado em: <https://educacioncontinua.unam.mx/index.php/dependencia/ver/188>.

¹⁰ Pode ser consultado em: <https://fes-sociologia.com/comite/Sociolog%C3%ADa-%20del-Tiempo>.

¹¹ Pode ser consultada em: <https://www.iatur.org/>.

¹² Pode ser consultada em: <https://timeuse.barcelona/>.

tem feito um trabalho de posicionar o tempo como um assunto central na agenda política nos mais diversos setores, desde a mobilidade à organização do tempo escolar e nas organizações de trabalho, almejando, por isso, grande influência sobre as temporalidades e a qualidade de vida familiar, social e individual.

Existem outras, mas queria ainda citar o acompanhamento que fui dando, sempre que possível, aos trabalhos da sociedade Internacional para o Estudo do Tempo¹³, que é multidisciplinar, unicamente dedicada a aspectos temporais, sendo de se destacar os trabalhos na área da arte que têm essa capacidade de nos oferecer a visão do mundo ao inverso, muitas vezes, assinalando esse esmagamento do ser vivo pelo tempo, Cronos matando os seus filhos.

Rosamaria: Pensando, especificamente, na pandemia, que tipos de questões emergiram num primeiro momento em meio às políticas de confinamento? Como isso aconteceu em Portugal, como foi vivenciado, e se você tem conhecimento de pesquisas que foram feitas, sobre esse primeiro momento, pensando mais 2020, ou 2021?

Emília Araújo: A pandemia, como já escrevi (Araújo; Castañeda-Rentería, 2021), suspendeu a estrutura normal dos tempos sociais e obrigou-nos como indivíduos e coletivos a negociar os tempos para, assim, negociar a própria crise. Tudo se suspendeu e, na verdade, o tempo emergiu como um dos eixos mais salientes de todo o quadro, desde logo no esforço de sincronização das medidas e programas por parte dos governos, performando um ritmo coletivo. A partir daí, há uma série de arritmias, como diria Lefebvre, que se foram instalando e gerando novos desafios e dificuldades. É muito difícil separar ou selecionar aspectos que tenham diretamente a ver com questões do tempo, porque, efetivamente, a pandemia define-se por ser um fenômeno social total de suspensão de horários, calendários, expectativas, ritmos. Portanto, na realidade, todos os processos sociais e individuais, mesmo os ritmos corporais, tiveram implicações relacionadas com a necessidade de se ajustar a um contexto de paragem, com forte necessidade de restrição de movimentos e grandemente remetido ao espaço doméstico. Logo imediatamente após a entrada em vigor do estado de emergência (em si mesmo um objeto temporal), as pessoas, nos seus mais diversos enquadramentos temporais, começaram a perguntar: o que nos vai acontecer? O que vai ser da nossa vida? E imediatamente começamos a perceber a necessidade de reajustar ritmos, sobretudo no espaço doméstico para receber o tempo de trabalho e/ou o tempo escolar, e isso implica todo um novo ajuste de temporalidades familiares. Analisadas sob o prisma da falta de tempo de convívio, aumentaram a extensão do tempo de partilha, mas analisadas sob o prisma da sincronia, criaram conflitos e tensões derivados da coexistência de tempos e de espaços.

O teletrabalho veio rapidamente como uma solução, mas o fecho das escolas e a entrada das crianças e jovens em casa foi um desafio enorme, quer em termos materiais – por falta de recursos – quer em termos emocionais, devido

¹³ Pode ser consultada em: <https://studyoftime.org/>.

à sobreposição de tarefas, e na sua maior parte estávamos a falar de tempo: do tempo pessoal, do tempo livre e de lazer que ficou dentro de casa, do tempo de trabalho que se sobrepôs ao tempo familiar, do tempo vazio que colide com o tempo ocupado das crianças, das outras pessoas que vivem no mesmo espaço e dos vizinhos. Por vezes, houve intensificação do trabalho e dos indicadores de produtividade, o que aumentou a dessincronia e a dessintonia de ritmos, com impactos na saúde, necessariamente. Mas podemos falar de vários outros aspetos que se relacionam com o tempo: a espera pelo levantamento de proibições, a espera por tratamento hospitalares que foram adiados, a espera pelas vacinas e pela vez de vacinação, a espera por familiares emigrados ou retidos em aeroportos, fronteiras e barcos, entre outros atrasos criados em todos os sistemas dos quais somos dependentes. Há de se mencionar aspectos que tiveram que ver com a adoção rápida de novos meios de acesso a bens alimentares e de consumo em geral, com a frenética explosão de empresas domiciliárias, entre outras. Foram várias as pesquisas realizadas sobre a pandemia durante o período, praticamente todas as universidades se mobilizaram para pensar a crise, explicar fenômenos em emergência e assinalar também contribuições para a melhoria de políticas públicas dirigidas a minimizar os impactos pela perda de emprego nas famílias e mesmo da extinção de serviços, nas mais diversas áreas, em particular turismo e restauração.

Eu participei de um projeto chamado SolPan¹⁴ [Solidarity in Times of Pandemics], que surgiu um ano depois do primeiro confinamento, com pessoas de vários países, incluindo da América Latina. O projeto implicou entrevistas que demonstraram as dificuldades das respostas das famílias ao trabalho e à escola em casa e a forma como essas implicações foram vividas de forma desigual entre grupos sociais, desde logo atendendo à disponibilidade de tempo e espaço. Recordo que, em algumas das entrevistas que fizemos em Portugal, mulheres em particular nos confessavam sobre as dificuldades do trabalho e da escola em casa, desejando não ter de passar pelo mesmo outra vez, o que vincula ainda o peso que tem a possibilidade de dividir tempos na nossa sociedade, mas para outros/as tinha sido o melhor dos mundos.

Foi extenso o número de publicações que surgiram com a pandemia, e o mesmo aconteceu em relação aos eventos, como eventos e seminários a distância. À medida que nós fomos ouvindo e lendo estudos em outros países sobre os usos e representações do tempo, fomos percebendo que o panorama era muito similar ao de Portugal. A variável classe social (associada também à atividade profissional) foi muito evidenciada, assim como o gênero, a idade e a etnia. Houve aqui uma certa dualidade entre os “estabelecidos” e os “outsiders”, usando a terminologia de Norbert Elias (1998). De um lado, as pessoas que já tinham liberdade na organização de seu tempo, estavam habituadas a estar em casa e poderiam, perfeitamente, fazer toda sua vida à volta da tecnologia e da casa; e de outro, as pessoas que viram os seus ritmos alterados deixaram de sair, de

¹⁴ Pode ser acessado em: Solidarity in times of a pandemic (SolPan) (univie.ac.at)

separar os tempos, de vender o tempo sob a forma de trabalho, e ficar em casa correspondeu à perda e ao vazio.

Penso que a pandemia nos mostrou a necessidade de pensar mais sobre a pobreza do tempo ou as diversas pobreza de tempo que atravessam grupos sociais, gêneros, idades e etnias e que se refletem nos vários tempos estruturantes da vida social e, nomeadamente, do tempo para a participação social, para o envolvimento em questões públicas. Isso porque, de fato, as pessoas nos diziam nessas entrevistas que ficaram com mais tempo para se dedicar à formação, para procurar conhecer mais o espaço onde vivem, ou para participar de iniciativas culturais.

Escrevi um texto com a Liliana Castañeda-Rentería, que se chama “*Atrapadas em casa: maternidad (es), ciencia y COVID-19*” (2021), com base em algumas entrevistas com mulheres acadêmicas em que analisamos as relações complexas com os tempos do espaço doméstico, e penso que esse tema merece mais aprofundamento, mesmo no que se refere ao planejamento urbano e à oferta de transportes e redes de mobilidade – este é um tema que tem me interessado cada vez mais devido à influência que existe nos usos do tempo em nosso dia a dia.

Os horários estruturam nosso tempo e nossa vida. Mas podemos ter horários definidos por nós ou por outros. Ultimamente estamos a passar por uma mudança cultural relativamente ao horário. Passamos do modelo simétrico dominante (horários estipulados a seguir e a combinar) para a valorização e uma certa interiorização do modelo espontâneo (usando a terminologia de George Simmel¹⁵): a ideia de poder trocar as atividades conforme surge a oportunidade, realizar atividades distintas a qualquer hora, inventar formas de combinar tempos.

Eu fiz uma entrevista com uma jovem da área do *design*, que está em uma fábrica têxtil, e ela dizia que ter um horário a respeitar na ida para a empresa todos os dias é, para si, uma experiência que lhe faz lembrar alguém que está preso. Essa transformação cultural que altera não só a valorização do tempo em si, mas das estruturas que o organizam, em particular dos horários, das escalas, dos planos e dos prazos é um desafio muito premente para as organizações de ensino, para as empresas e, enfim, para as entidades públicas, pois estamos a falar de formas completamente novas de avaliar a pontualidade e a presença física.

Mas se desenvolveram vários estudos, até com vertente sobre o gênero, revelando como as mulheres prenderam o seu tempo muito mais do que os homens às exigências da pandemia, devido às exigências do cuidado. O teletrabalho, o trabalho acadêmico, os tempos de consumo constituíram objetos de análise relevantes. Gostaria de destacar, aliás, os estudos sobre os rituais e as festividades e a forma como as comunidades e, em geral, as famílias se debateram para suprir a falta dos momentos de celebração e de ritual, escrevendo memórias da perda, ou tentando transladar para as redes sociais pedaços dessa dimensão emocional e simbólica (Araújo; Fernandes; Ribeiro, 2020).

¹⁵ No livro *Filosofia do Dinheiro* (1900) do sociólogo e filósofo alemão Georg Simmel.

Rosamaria: Enquanto eu estava te ouvindo, Emília, eu estava pensando na interface do espaço e o tempo, como esse pouco uso do espaço, ou essa redução do uso do espaço, vem travestida por uma ideia de que menos espaço, mais tempo, no sentido de: eu vou me deslocar menos para ter mais tempo. Eu moro em Brasília, que é uma cidade planejada, e ela foi pensada em tese pelo Lúcio Costa e pelo Oscar Niemeyer para que, nas superquadras, a gente tivesse escola, mercado, o posto de saúde, lógico que o projeto foi sendo corrompido pela própria vida social, mas existia esse anseio de uma organização do espaço que otimizasse o tempo. Mas eu venho de São Paulo, eu venho de uma grande cidade, e minha família vive em São Paulo e alguns dos meus familiares foram essas pessoas que disseram: *eu não quero voltar para o trabalho presencial*. Porque eles faziam a conta do tempo de deslocamento, até chegar ao seu local de trabalho e voltar. Embora a casa fosse aquele espaço de sobreposição do trabalho e da escola, era mais interessante estar ali, inclusive afetuosamente falando. Então, eu queria te fazer uma provocação que tem a ver com a pandemia. Você acha que essa relação entre o espaço e o tempo, essa redução do espaço para que a gente tenha mais tempo, ela se acentuou num contexto pós-pandêmico? É uma herança do que a gente experimentou na pandemia?

Emília Araújo: Em um nível estrutural, a crise pode ser delineada por um período de ruptura seguido por uma fase de calmaria, comumente conhecida como normalização. No entanto, de forma objetiva e concreta, a crise se prolonga ao longo do tempo devido aos efeitos das negociações que ocorrem na vida das pessoas e na temporalidade social em geral. Concordo plenamente com o que você disse. O primeiro princípio no desenvolvimento tecnológico é a redução do tempo e o controle do tempo. Em Portugal, como em muitas outras sociedades, ainda predomina a ideia de que as pessoas podem morar longe dos espaços de trabalho, ensino ou consumo, porque podem dispor de um carro, de uma infraestrutura tecnológica que permite compensar a distância em tempo despendido na viagem. A pandemia de fato favoreceu o reforço daquela ideia, devido à crença no poder das tecnologias para reduzir as distâncias. Como você disse, esta era uma tendência anterior à pandemia, mas foi exacerbada, com a desvantagem de poder criar um certo imaginário que não corresponde às possibilidades concretas, porque as pessoas precisam se deslocar fisicamente, atender a serviços, relacionar-se fisicamente e, na verdade, várias análises começam a indicar que a mobilidade, em especial de automóvel, retomou os padrões anteriores à pandemia. Essas questões do tempo e da cidade são deveras importantes hoje. O certo é que a tecnologia está bastante focada nas questões que já mencionei. O controle do tempo, reduzindo o seu dispêndio em tarefas diárias, mas também ampliando o poder de antecipar o futuro e de reconstruir o passado. Há uma espécie de reversibilidade temporal que a tecnologia permite e que ainda não está estudada.

As questões das quais você falava antes têm muito a ver com o tempo-corpo, com a forma como o corpo subsume os vários ritmos – como dizia o Levine (1987), que falava dos problemas cardíacos associados à pressão do tempo – mas que se encontra na maior parte dos estudos sobre ritmos voltados para a análise das consequências da exploração dos tempos do corpo – o corpo que consome, trabalha, alimenta as redes sociais. Talvez estejamos a entrar agora numa veia mais futurista, mas parece evidente essa centralidade econômica do tempo, já não do tempo de que se dispõe em termos materiais e no dia a dia, mas do tempo todo – o tempo que pode ser controlado, administrado ou extraído para a máquina e/ou o processo tecnológico; o tempo que pode ser previsto, ganho, armazenado, de forma invisível, mas dramaticamente performativa.

Um campo de grandes experiências e onde essas questões da relação da tecnologia com o tempo se manifestam e visibilizam refere-se aos espaços das lojas comerciais que constroem uma espécie de aquários automatizados para as pessoas pagarem as compras, reduzindo, como acontece em vários outros serviços, o trabalho humano. Facilmente aceitamos esses processos como normais e de certa forma até lhes achamos piada, mas efetivamente o que está a acontecer é de fato que a tecnologia está a ser usada para maior extração de mais-valia pelo tempo que rentabiliza, invisibiliza e transfere.

Mónica Franch: Uma ideia que me interessou bastante das que você coloca é a do tempo-corpo. Nas nossas entrevistas, escutando sobretudo as mulheres trabalhadoras, ouvimos muitos relatos de exaustão, mulheres falando de como foi difícil ser educadora, mãe, psicóloga, trabalhadora, tudo ao mesmo tempo. Parece que houve uma intensificação das demandas, não que não estivessem antes, mas que elas se intensificaram, e isso tudo levou a uma situação de esgotamento, de cansaço extremo. Como podemos pensar essa questão do cansaço a partir da ideia do tempo-corpo?

Emília Araújo: As nossas entrevistas e os trabalhos que têm sido feitos não só com foco no tempo, mas sobre o estilo de vida e os modos de vida na pandemia, todos eles focam, secundam ou subscrevem aquilo que você disse, Mónica, que é o cansaço, a intensificação, ou, no fundo, a necessidade de realizar cada vez mais tarefas, e tarefas diversas no mesmo tempo físico. O que aconteceu é que foram as pessoas as que acabaram por ter que resolver os seus problemas, podendo ou não ter recorrido a especialistas em saúde mental, ou outros. O que me parece interessante ter em conta para os estudos do tempo, e talvez aprofundar, é a relação mais tensa com os horários, por um lado, e a predisposição mais acentuada para expressar a centralidade do tempo nas suas vidas, dito mais simplesmente, a capacidade de ter o tempo à flor da pele. Muitas questões sociais podem ser explicadas por tensões entre personalidades, mas a pandemia nos mostra que elas podem ter a gênese no tempo, ou melhor dizendo, na experiência do tempo (por exemplo, no conflito que se gera entre quem está desancando ou em espera

e lentidão e quem está apressado para responder a algo). As mulheres, sempre as mulheres e os mais vulneráveis, se sobressaem na luta pelo e contra o tempo na pandemia, incluindo o tempo de vida hipotecado na expectativa da vacinação. Fizemos um ciclo internacional de conferências durante a pandemia (Castañeda-Rentería; Araújo, 2023), nas quais participou a Rosa, e havia colegas que tinham feito uma investigação específica, por exemplo, sobre as relações conjugais durante a pandemia. E, ao darem conta dos resultados, mostravam que se a pandemia trouxe mais tempo disponível para as relações, também significou mais dificuldade de manter as fronteiras entre tempos pessoais, individuais e coletivos, o que nos leva a essa experiência do excesso de tempo-corpo no mesmo espaço e, ao mesmo tempo, a sua intensificação por via das exigências do tempo de trabalho, escolar e familiar. Nessas entrevistas que nós fizemos, encontramos muitas pessoas que tiveram de estar em isolamento devido ao trabalho e à necessidade do controle do contágio e que, se sentiam como se tivessem dado tempo aos outros, também sentiram ter roubado tempo da família e de si próprias. É claro que depois nesse corpo, nós temos as diferenças de gênero, em particular as dificuldades acrescidas para as mulheres. Isso é algo bastante evidenciado em vários trabalhos. Muitos dos efeitos negativos da pandemia não aconteceram porque foram amortecidos não pelo tempo das mulheres, mas pela temporalidade feminina, pela capacidade de retribuição, de reciprocidade das mulheres.

De um modo geral, na pandemia, muitas pessoas sentiram que tiveram que dar muito mais tempo de si, tempo do seu próprio corpo, tempo dado. E isso foi mais evidente em algumas atividades profissionais, como médicos, médicas e cuidadoras, porque essa exigência não ocorria só no espaço de casa, mas também fora. Mas sem dúvida que o cansaço é um assunto que nos deve preocupar na perspectiva daquilo que pode eventualmente vir a acontecer em crises similares, e a forma como o Estado e os governos vão se posicionar relativamente às tais medidas, porque esse é um assunto crítico. Esse cansaço ainda hoje é visível.

Aliás, na universidade, estamos vivenciando um fenômeno muito importante de analisar: as pessoas passaram mais de três anos em aulas virtuais, e isso afetou profundamente a capacidade de comunicação e de interação deles. Recentemente, fizemos um grupo de foco com alguns desses estudantes, e muitos confessaram algo surpreendente: *“Eu me acostumei... Acostumei-me a não falar com ninguém”*. Mais uma vez, são tendências que se acentuaram com a pandemia e que têm a ver com a natureza das vivências do tempo, a extensão e a densidade relacionais. Agora, essa falta de socialização direta, essa ausência de contato, vai marcar a vida dessas pessoas – seja na universidade, na futura carreira profissional ou nas relações interpessoais. Alguns conseguem perceber e refletir sobre isso, mas outros ainda não se deram conta da profundidade dessa mudança e o que ela significa como desafio político.

A pandemia trouxe uma grande mudança na nossa relação com o dia, a noite, a luz, o sol e as horas em geral. Com o espaço cada vez mais ocupado pela tecnologia – um fenômeno para o qual também temos responsabilidade –, a ideia de estar sempre disponível, descrita por Zerubavel (1948) como *availability*, ganhou

força. A noção de fronteira entre trabalho e vida pessoal foi se tornando cada vez mais difusa. A Time Use Initiative, da qual já falei anteriormente, pretende levar ao Parlamento Europeu uma proposta para uma política do tempo, e um dos pilares dessa proposta é a desconexão digital que obviamente tem vantagens e desvantagens. Em Portugal, um dos focos de estudo tem sido o cansaço – especialmente o cansaço emocional, que afeta de forma mais acentuada as mulheres e profissionais de áreas de cuidado ou que exigem grande envolvimento emocional. Inclusive, várias organizações vêm defendendo o aumento do número de psicólogos e a ampliação das consultas de psicologia, justamente devido a uma série de questões que surgem das ondas de choque da pandemia e que afetam essa experiência social e fenomenológica do tempo, não esquecendo tendências sociais estruturais como a inflação, a subida dos preços da habitação ou o exacerbar das migrações por razões econômicas e sociais face a temporalidades incertas e marcadas pelo risco.

Eu queria mencionar que a pandemia é conhecida como um intervalo de experimentação que abriu janelas de oportunidades em várias frentes temporais, incluindo as que se referem à nossa relação com o mundo natural. No projeto Solpan de que eu falava antes, pudemos perceber que a pandemia também trouxe à tona o que cada indivíduo poderia melhorar em sua vida, especialmente em termos de bem-estar. Neste momento, há interessantes pesquisas a serem realizadas sobre como a pandemia mudou a nossa visão e a nossa postura face ao futuro e como poderá ter-nos tornado ainda mais imediatistas e centrados no presente, por incerteza e receio da continuidade do futuro. Mas são, na maioria, hipóteses e/ou resultados não generalizáveis.

Rosamaria: A gente aqui em Brasília, Emília, está voltando a escutar pessoas que foram escutadas nos anos de 2020 e 2021, tentando entender os impactos da pandemia a longo prazo, porque no campo da saúde se fala muito da Covid Longa. Então a ideia é explorar um pouco como esse cansaço foi se cronificando ou não, se as estratégias de sobrevivência que mulheres criaram nos anos de 2020 e 2021 se mantiveram ou não, auxílios econômicos que deixaram de ser oferecidos, o empobrecimento, o acesso à moradia.

Emília Araújo: Sim, esse tema é muito relevante, enquadra-se no que Barbara Adam (1998) denomina “paisagens temporais” da modernidade. Numa altura em que existem ainda muitos mal entendidos sobre o que é o tempo melhor, aquele que permite uma boa vida, sem cair em polarizações sobre o caráter socialmente construído do tempo, eu queria aproveitar a sua fala para falar de algumas questões que tenho tentado trabalhar mais recentemente, algumas relacionadas com a relação entre tecnologia e tempo, nomeadamente a partir das inovações prometidas pela Inteligência Artificial e da necessidade de adentrar um pouco mais sobre temáticas que estão ainda de algum modo situadas noutras áreas de investigação, mas que a meu ver devem ser trazidas para os estudos do tempo, aprofundando

as questões de poder e de desigualdade associadas ao tempo. Refiro-me em geral à necessidade de estudar mais profundamente a relação entre tempo e políticas públicas, explorando a influência dessas temporalidades sobre a qualidade das democracias e a capacidade de estas se sustentarem no tempo. Temporalidades que se inscrevem em áreas concretas, como a da educação, saúde ou ambiente, mas que também atravessam o sistema legal e o direito, por se referirem a fenômenos que são potencialmente negativos e que devem ser considerados no curto tempo, “a tempo” de se prevenirem consequências no futuro. Associado à cronopolítica, um assunto de enorme interesse para mim e que se entrecruza com os meus interesses na sociologia do poder, é mesmo a análise das formas de “constituição” dos tempos de violência e de opressão de classe, etnia, gênero e idade e de como estes representam tempos perdidos e/ou ganhos pela espera que alimentam, pelas suspensões e pelos intervalos que introduzem no tempo cronológico que passa, instigando novos desafios de compreensão das (frágeis?) democracias do futuro que se avizinha muito mais tecnológico com os avanços da Inteligência artificial e certamente da relevância de uma disciplina de estudos sociais do tempo e da sociedade (Araújo; Bento; Silva, 2022).

Referências

- ADAM, B. **Timescapes of modernity**: the environment and invisible hazards. London: Routledge, 1998.
- ARAÚJO, E. A política de tempos: elementos para uma abordagem sociológica. **Política & Trabalho – Revista de Ciências Sociais**, [s.l.], n. 34, p. 19-40, abril de 2011.
- ARAÚJO, E. Ecos do tempo: a mobilidade de investigadores e estudantes brasileiros em Portugal. **Sociologias**, [s.l.], v. 16, n. 37, set.-dez. 2014.
- ARAÚJO, E. **O doutoramento**: a odisseia de uma fase da vida. Lisboa: Colibri, 2006.
- ARAÚJO, E. O tempo dos(para) os docentes e pesquisadores numa perspetiva do gênero. **Revista Ártemis – Estudos de Gênero, Feminismo e Sexualidades**, [s.l.], v. 20, p. 39, 2015.
- ARAÚJO, E. Technology, gender and time: a contribution to the debate. **Gender, work & Organization**, [s.l.], v. 15, n. 5, p. 472-503, September, 2008. DOI: <https://doi.org/10.1111/j.1468-0432.2008.00414.x>.
- ARAÚJO E. Understanding the PhD as a phase in time. **Time & Society**, [s.l.], v. 14, n. 2-3, p. 191-211, 2005. DOI:10.1177/0961463X05055133.
- ARAÚJO, E.; BARROS, V. Modo deadline: uma análise sobre o tempo das mulheres académicas. **Revista Tempos e Espaços em Educação**, [s.l.], v. 10, n. 22, p. 173-186, maio-ago. 2017.
- ARAÚJO, E.; BARRETO, A. A importância do tempo no desenvolvimento: esboço de uma problemática. **Configurações**, [s.l.], v. 11, p. 161-174, 2013. Disponível em: <https://journals.openedition.org/configuracoes/1854>. Acesso em: 28 out. 2024.
- ARAÚJO, E.; BENTO, S. **O Teletrabalho e a aprendizagem**: contributos para uma problematização. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian e Fundação para a Ciência e Tecnologia, 2002.

ARAÚJO, E.; BENTO, S.; SILVA, M. Politicizing the future: on lithium exploration in Portugal. **European Journal of Futures Research**, [s.l.], v. 10, n. 23, 2022. DOI: <https://doi.org/10.1186/s40309-022-00209-3>.

ARAÚJO, E.; CASTAÑEDA-RENTERÍA, L. El tiempo y las pandemias: reflexiones sobre la crisis del tiempo. **ARXIUS de Sociología**, [s.l.], v. 45, p. 67-82, 2021. ISSN: 1137-7038. Disponível em: <https://hdl.handle.net/1822/83013>. Acesso em: 28.10.2024.

ARAÚJO, E.; FERNANDES, A.; RIBEIRO, R. A urgência dos ritmos festivos: análise a partir do caso de S. João de Sobrado. In: SALES, C.; ARAÚJO, E.; COSTA, R. (org.). **Tempo e sociedade em suspenso**. Lisboa: CIES_ISCTE, 2020. p. 143-157. Disponível em: <https://hdl.handle.net/1822/70048>. Acesso em: 28.10.2024..

ARAÚJO, E.; SILVA, Sa. Temos de fazer um cavalo de Troia elementos para compreender a internacionalização da investigação e do ensino superior. **Revista Brasileira de Educação**, [s.l.], v. 20, n. 60, jan.-mar. 2015.

BALANDIER, G. **Sociologie actuelle de l'Afrique Noire**: dynamique des changements sociaux en Afrique centrale. Paris: Presses Universitaires de France, 1955.

BERGMANN, W. The Problem of Time in Sociology: An Overview of the Literature on the State of Theory and Research on the 'Sociology of Time'. **Time & Society**, [s.l.], v. 1, n. 1, p. 81-134, 1992.

BOURDIEU, Pierre. La société traditionnelle: attitude à l'égard du temps et conduite économique. **Revue Sociologie du Travail**, [s.l.], v. 1, p. 25-45, 1963.

CASTAÑEDA-RENTERÍA, L.; ARAÚJO, E. Atrapadas en casa: maternidad (es), ciencia y COVID-19. **Brasilian Journal Education, Techonology and Society**, [s.l.], v. 14, p. 75-86, 2021.

CASTAÑEDA-RENTERÍA, L.; ARAÚJO, E. (ed.). **Tiempo y sociedad**: Reflexiones y temas emergentes (p. 15-42). [S.l.]: Sb editorial, 2023.

ELIAS, N. **Sobre o tempo**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

LEVINE, R. V. **The geography of time**. New York: Basic Books, 1987.

SILVA, A. M.; ARAÚJO, E. Calendário letivo, ritmos e tempo COVID-19: uma reflexão sobre o doutoramento. In: SALES, C.; ARAÚJO, E.; COSTA, R. (org.). **Tempo e sociedade em suspenso**. Lisboa: CIES_ISCTE, 2020. p. 159-172. Disponível em: <https://hdl.handle.net/1822/73747>. Acesso em: 28.10.2024

Mónica Franch (entrevista e edição)

Doutora em Antropologia (PPGSA-UFRJ), professora da Universidade Federal da Paraíba (UFPB), coordenadora do Grupo de Pesquisa em Saúde, Sociedade e Cultura (GRUPESSC). Bolsista de Produtividade em Pesquisa 2 pelo CNPq.

Endereço profissional: Departamento de Ciências Sociais, Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal da Paraíba, Câmpus Jardim Cidade Universitária, João Pessoa, PB. CEP: 58050-585.

E-mail: monicafranchg@gmail.com

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-3845-3841>

Rosamaria Giatti Carneiro (entrevista e edição)

Doutora em Ciências Sociais (PPGCS-Unicamp), professora da Universidade de Brasília (UnB), coordenadora do Grupo de Pesquisa CASCA (Coletivo de Antropologia e Saúde Coletiva). Bolsista Produtividade em Pesquisa pelo CNPq.

Endereço profissional: Departamento de Saúde Coletiva, Universidade de Brasília, Câmpus Darcy Ribeiro, Asa Norte, Brasília, DF. CEP: 70000-000.

E-mail: rosacarneiro@unb.br

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-1271-7645>

Daiana Maria Santos de Sousa Silva (transcrição e análise)

Mestra em Direitos Sociais e Reivindicatórios (IESB), Mestra em Saúde Coletiva (FS-UnB), Doutoranda em Ciências Sociais – Estudos Comparados sobre as Américas – PPGECSA (UnB). Professora Universitária do Curso de Direito.

Endereço profissional: Centro Universitário do Planalto Central Aparecido dos Santos, SIGA Área Especial para Indústria, Lote 2/3, Sde St. Leste Industrial, Gama, Brasília, DF. CEP: 72445-020.

E-mail: daianagcel@gmail.com

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-7612-1429>

Susi Francis Amaral Piva (transcrição e análise)

Mestra em Direitos Humanos (PPGIDH-UFG), Doutoranda em Ciências Sociais – Estudos Comparados sobre as Américas (PPGECsA-UnB). Coordenadora da Rede Brasileira de Educação em Direitos Humanos no Distrito Federal (ReBEDH-DF). Professora da Secretaria de Estado e Educação do Distrito Federal (SEEDF).

Endereço Profissional: EC 114 Sul, SQS 114, Área Especial, s/n, Asa Sul, Brasília, DF. CEP: 70.377-000.

E-mail: susipiva1@gmail.com

ORCID: <https://orcid.org/0009-0002-2041-4502>

Como referenciar esta entrevista:

FRANCH, Mónica *et al.* Novas Arquiteturas do Tempo: uma conversa com Emília Araújo. **Ilha – Revista de Antropologia**, Florianópolis, v. 26, n. 3, e103728, p. 143-160, setembro de 2024.